



**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



Memória, desmemória e lugares amazônicos

Coordenadora: Prof^a Dr^a Cybelle Salvador Miranda

Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/UFPA

RESUMO GERAL

Diferentes lugares em cidades da Amazônia brasileira nos conduzem a uma reflexão acerca do papel das arquiteturas enquanto enquadramento de memórias e, sua ausência, como fatos de desmemória. Diferente do esquecimento, ato voluntário de apagamento, a desmemória implica numa ausência de traços materiais e registros imagéticos ou documentais que permitam o reconhecimento da existência do objeto na duração passado/presente/futuro. Privilegiando os recursos etnográficos, os quatro temas abordados traduzem os encaminhamentos do Grupo de pesquisa Arquitetura, memória, Etnografia na investigação das camadas impressas nos espaços das cidades da região, e discute a sua configuração enquanto lugares.

Nas cidades amazônicas, os lugares se configuram num amálgama de temporalidades e experiências marcadas culturalmente. Tal diversidade, tão característica da pós-modernidade, na qual lugares arquitetônicos ganham e perdem atributos, torna-se mais legível a partir da sondagem das experiências dos indivíduos e da escuta de suas reminiscências.

O processo de pesquisa empreendido pelas pesquisadoras parte do entendimento das Arquiteturas enquanto pontos de enquadramento das memórias, uma vez que os valores afetivos relatados nas narrativas cotidianas dos sujeitos são balizados pelas materialidades que os compõem. Tal materialidade do espaço não pode ser substituída, mas renovada pelas experiências dos corpos.

A problemática relação entre memórias individuais que, como quer Assmann (2003), são eminentemente individuais, e a construção da Memória coletiva ou de grupos é amparada pelas experiências dos indivíduos nos espaços e pelos atos de narrar. Algo que se perde no mundo contemporâneo, o poder das anedotas familiares narradas que se comunicam entre gerações é fundamental para bloquear o fluxo do esquecimento. Mas o esquecimento é diferente da desmemória. Pois esquecer implica em um ato deliberado de arquivar num repositório apartado, num arquivo, que pode vir à tona quando for necessário acessá-lo. Mas a desmemória implica na ausência de memória, numa falta de referências, inclusive materiais. Entendemos, assim, que o apagamento ou desaparecimento de arquiteturas influi neste processo.

Seria, portanto, a memória um dever? Autores como Nora (1997), Jeudy (2008) e Poulot (2009), no entanto, advertem para o perigo do dever de memória, de torná-la uma obrigação, muitas vezes desconectada das necessidades vitais dos sujeitos. Susan Sontag reflete que: “lembrar, cada vez mais, não é recordar uma história, e sim ser capaz de evocar uma imagem” (2003. p. 75). Ela adverte sobre a prevalência da imagem fotográfica em detrimento da experiência e das narrativas.

Contudo, o poder das imagens pode ser convertido em instrumento pedagógico, sendo a atividade mnemônica estimulada através da visualização de imagens virtualizadas, como vimos desenvolvendo em pesquisa acerca de arquiteturas desaparecidas ou em iminência de desaparecimento, tais como a capela da Santa Casa de Manaus, o Hospital Juliano Moreira e Hospital do Bom Jesus dos pobres enfermos. A reconstrução virtual de arquiteturas desaparecidas ou profundamente reformuladas tem o poder de reativar as conexões perdidas entre os usuários e os edifícios?

Esta é uma pergunta ainda sem resposta, mas que merece atenção. Sontag mais uma vez adverte que “toda memória é individual, irreproduzível — morre com a pessoa. O que se chama de memória coletiva não é uma rememoração, mas algo estipulado: isto é importante, e esta é a história de como aconteceu, com as fotos que aprisionam a história em nossa mente” (SONTAG, 2003, p. 74). E o ato de lembrar é um ato ético, afirma a autora, pois “a memória é, de forma dolorosa, a única relação que podemos ter com os mortos” (p. 96).

Nos temas propostos nesta sessão, a Etnografia nos conduz na aproximação com os sujeitos, seja por meio das estratégias da Etnografia de Rua, seja pelos olhares já em via de experimentação por pesquisadores da Universidade Federal do Pará e na Universidade Federal do Amapá. Nestas estratégias se inclui a autoetnografia, uma perspectiva que funde o pesquisador na dupla qualidade de sujeito e objeto da pesquisa, unindo aquilo que Geertz denominou de experiência próxima com a experiência distante.

Iniciamos a sessão com a desmemória acerca da existência do Hospital da Caridade no antigo Largo da Sé, em que o escrutínio das fontes nos permitiu produzir uma imagem virtual do antigo nosocômio e, por meio desta, questionar o potencial da memória enquanto trabalho de trazer à tona algo cuja materialidade se perdeu. Este tema dialoga com o seguinte, uma vez que o Hospital da Ordem Terceira se situa também no Centro Histórico de Belém, mas, ao contrário do anterior, ainda se mantém enquanto local de referência para a assistência à saúde, embora seu valor enquanto patrimônio e suas memórias estejam pouco nítidas. Neste caso, a etnografia é o instrumento para coletar impressões e reescrever memórias do Hospital e de seu entorno, na perspectiva do patrimônio da saúde no Pará.

Contudo, a evocação de memórias acerca de fatos traumáticos implica e justifica a desmemória, tal como ocorre com a antiga Colônia dos hansenianos de Marituba, situada na Região Metropolitana de Belém. Os estigmas ao local persistem na memória coletiva, e motivam a existência de memórias subterrâneas, que dificilmente vem à tona espontaneamente. Mais uma vez a etnografia é o meio de sondar e experienciar as relações entre passado e presente via as materialidades ainda existentes nos lugares de exclusão.

A figura do pesquisador é proeminente e, por vezes, precisa estar explicitada na produção das reflexões de campo, como ocorre com o processo de reconhecimento dos patrimônios arquitetônicos da cidade de Macapá, AP. A

resistência em reconhecer valores em bens que não pertenciam ao repertório da recém-chegada professora revela o início do processo de estranhamento com o campo, sendo o diálogo com os nativos primordial para mudar a perspectiva da pesquisadora.

Nestes lugares amazônicos, há espaço para discutir a relação entre as memórias individuais e as ausências e presenças materiais, conduzindo a um debate acerca da dinâmica temporal das cidades e o papel dos arquitetos enquanto pesquisadores das ciências sociais aplicadas.

1 O QUE NOS CONTA A ESTÁTUA DO FREI CAETANO BRANDÃO?

PROF^a DR^a CYBELLE SALVADOR MIRANDA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (PPGAU/UFPA)

Numa breve enquete com alunos da disciplina Estética das artes plásticas, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU/UFPA), confirma-se o que fora atestado com as duas mediadoras da exposição Arte Pará, patente na Casa das 11 janelas nos meses de novembro de dezembro de 2022: a desmemória em relação a existência do Hospital da Caridade. A despeito da veiculação de imagens antigas do mesmo em grupos como Belém da memória, Nostalgia Belém e outras páginas de redes sociais, o Hospital não existe enquanto rememoração.

Demolido em 1978, só pertence aos referenciais imagéticos de sujeitos com mais de 60 anos, e que tenham circulado na Cidade Velha, desvalorizando a ligação simbólica com a estátua do Frei Caetano Brandão erigida no centro da Praça que leva seu nome, antes conhecida como Largo da Sé.

Em busca de refazer os laços entre o primeiro hospital construído em alvenaria no Pará, o Hospital da Caridade ou Hospital do Bom Jesus dos Pobres Enfermos, uma investigação foi realizada, compilando fontes documentais e bibliográficas no Arquivo Público do Pará, na Hemeroteca digital brasileira, na Biblioteca Ernesto Cruz do IPHAN-PA e em acervo bibliográfico na Universidade de Lisboa. A partir destes, e do conhecimento das origens do Frei na Ordem franciscana, foram analisados os “elementos compositivos adotados no partido arquitetônico do hospital, recriando em modelo virtual uma réplica arquitetônica resultante dos processos de ampliação ou reforma que ele passou durante os 113 anos (1878-1900) que funcionou como uma edificação hospitalar e após sua demolição em 1978” (AUTORES, 2022).

A reconstrução virtual de arquiteturas desaparecidas vem sendo adotada no Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (LAMEMO-UFPA) como estratégia de reavivamento da memória acerca de arquiteturas desaparecidas, visando fortalecer o reconhecimento do amplo patrimônio cultural da saúde no Pará. A necessidade de enquadramento de memórias, destacado por Michael Pollak (1989), enfatiza que, “além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc.” (p. 10-11). Tais pontos de referência evocam em nós sentimentos de filiação ou origem, de modo que cada indivíduo percebe a ressonância do passado em sua própria vida.

Figura 1: Praça Frei Caetano Brandão



Fonte, autora, 2016.

Vivenciando o conjunto paisagístico da Praça Frei Caetano Brandão, tombado pelo IPHAN, notam-se mudanças na sua aparência e vivências, em que o paisagismo orgânico que emoldura a estátua do criador do Hospital da Caridade produz efeito estético, mas não convida a refletir. No entorno da praça, os museus do complexo Feliz Lusitânia, criados no início dos anos 2000, já com 22 anos de existência, vão remodelando os olhares da população da cidade acerca da sua história e criando novas memórias nesses espaços. As artes ganham corpo, a vista para o rio configura lugares de contemplação e fruição passiva. Quem sabe ainda haverá oportunidade para a rememoração do Hospital da Caridade...

2 A ETNOGRAFIA DE RUA COMO FERRAMENTA DE VALORAÇÃO DOS LUGARES DA SAÚDE NA AMAZÔNIA

**PROF^a DR^a CIBELLY ALESSANDRA RODRIGUES FIGUEIREDO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
(PPGAU/UFP)**

Este estudo apresenta a relevância da Etnografia de Rua, metodologia da Antropologia Urbana, para estudos sobre a Arquitetura da Saúde Oitocentista. Em Belém, cidade na Amazônia brasileira, apresentamos o Hospital da Ordem Terceira de São Francisco de Assis da Penitência a partir relação com seu cenário urbano adjacente e as pesquisas no âmbito interdisciplinar. A fim de identificar bens materiais e imateriais integrados na urbe paraense, o *locus* desta pesquisa evidencia o entorno do hospital, ambos construídos e modificados durante o tempo de suas existências, os quais detêm significados culturais e sociais comuns ao sentimento de pertencimento apontado por José Reginaldo Gonçalves (2005).

A partir de Cybelle Miranda (2010) compreende-se a presença de um hiato em pesquisas sobre este nosocômio, fundado em 1867 e que desde então permanece com a mesma função até os dias atuais, em um lote de esquina do

bairro da Campina, Centro Histórico belenense. A invisibilidade histórica que o permeia é um dos fatores que incentiva a busca pela sua memória e não-memória imbricados no significado cultural e simbólico. Estes garantem o desenvolvimento de organismos urbanos e os mantêm com fazeres e saberes socialmente acumulados e perpetuados por meio da experientiação de usos do espaço urbano como cenário de sociabilidades.

Na relação edifício-cidade, Renata de Godoy & Luiz da Silva (2020) advertem que a inserção das pessoas que convivem cotidianamente com um bem cultural, suas percepções e relações sociais atreladas ao espaço urbano e edificado precisam ser considerados a fim de garantir a eficácia de uma futura ação de patrimonialização. Nessa ótica, Renato Costa & Ana Maria Amora (2010) demonstram que a comunicação de valores que se ergue paulatinamente dos aspectos sensíveis às realidades inteligíveis corrobora como subsídios funcionais, estéticos e formais a serem pesquisados e que perpassam pela história, memória, arquitetura e urbanismo.

A partir deste preâmbulo, utilizaremos a Etnografia de Rua como metodologia de aproximação (ECKERT & ROCHA, 2003; GODOY, 2016) por meio de observações e entrevistas, a fim de entender como pessoas de grupos sociais contemporâneos distintos interagem no entorno do hospital em tela. Como suas práticas sociais influenciam nos usos e dinamizam as mudanças espaciais ao longo do tempo?

A interação do pesquisador com o Outro, nas ruas da cidade, situa-os na apropriação do espaço. Questionamentos sobre ambos surgem a partir desse contato e assim, a vida social é interpretada com seus usos e desusos do contexto urbano. Com isso, o conhecimento teórico mais abrangente sobre a relação entre arquitetura, o urbano e as pessoas rompe a técnica epistemológica que acorrenta a arquitetura às dimensões cartesianas e tecnicistas e traz a dinâmica da cidade antiga no contexto hodierno a partir do contato direto com as práticas sociais que mantêm ou alteram os usos.

A relevância da fonte oral neste estudo proporcionará condições de nos relacionarmos e de ouvirmos a ‘voz dos oprimidos’- e não somente das pessoas que têm evidência nessa instituição hospitalar. A importância desta fonte documental reinterpretará a história do Hospital da Ordem Terceira, com memórias e histórias que ratificam a “ideia de que cada época tem uma visão diferenciada do objeto, refletindo assim, a influência da natureza dos valores encontrados em seu cenário produtor (AUTORA, 2015, p. 163). E as pessoas, tanto de dentro como de fora do hospital, contribuem para esta reprodução.

Figura 2: Percurso etnográfico ao entorno do Hospital



Foto: Mateus Dias, 2022.

O modo pelo qual o cotidiano contemporâneo, inerente ao interior e exterior do Hospital da Ordem Terceira é dinamizado, induz-nos invariavelmente, a aspectos memoriais proporcionados pela iminência do desaparecimento de parâmetros materiais e imateriais e/ou pela ruptura das dinâmicas de sociabilidade e heterogeneidade de padrões que estabelecem o âmbito social. A ameaça ao esquecimento e a certeza de adaptarmos certas práticas, fazem parte da rotina humana e influenciam na permanência e perpetuação das maneiras de conformação identitária individual e coletiva.

3 SÍTIOS DE MEMÓRIA PROBLEMÁTICA: A ANTIGA COLÔNIA DE HANSENIANOS DE MARITUBA, ENTRE PERDAS E MATERIALIDADES

DOUTORANDA LIVIA GABY COSTA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (FAU/USP)

O isolamento compulsório de hansenianos e seus familiares no Estado do Pará, assim como no restante do Brasil, ocorreu em espaços denominados, colônias. A Colônia de hansenianos de Marituba, inaugurada em 1942, abrigou inúmeros casos de pacientes acometidos pela lepra e, ainda hoje, a área da antiga colônia apresenta remanescentes materiais da instituição nos bairros: Pedreirinha, São José, D. Aristides, Novo Horizonte, São Francisco, União e Nossa Senhora da Paz, também chamado de Bairro Novo (SILVA, 2009). Instrumentos da representação de regimes contraditórios, como sofrimento e cura, estigma e segurança, a espacialidade, hoje, apresenta-se como sítio de memória problemática, que produziu determinado recorte territorial da Amazônia paraense e perpassa meandros de desmemória, intenção das “elites locais em apagar a contribuição dos portadores de hanseníase” na história do processo de formação do espaço social, econômico, político e cultural da sociedade maritubense atual (SILVA, 2009, p.21).

No entanto, a história ainda está presente na memória de muitos moradores remanescentes do período e na materialidade presente no sítio. “Poder-se-ia escrever infinitas páginas acerca de histórias do cotidiano local” (SILVA, 2009, p. 21). A realidade da colônia de hansenianos em Marituba, como expõe Silva (2009, p. 17), precisa ser contada, “enquanto componente sine qua

non dos processos que fizeram, e ainda fazem, o município ser o que é hoje”. Abordamos então, na presente sessão, os remanescentes materiais da localidade como fatos urbanos que, mesmo diante de tentativas de “silenciamentos”, se fazem presentes nos sítios. Atuando metodologicamente com a etnografia, foi feita uma pesquisa de campo, que englobou um percurso amplo da região, passando por diversos espaços da antiga colônia, sendo delimitados abaixo: em amarelo o Laboratório de Dermato-Imunologia, em vermelho Escola / Centro Paroquial / Igreja, em roxo a Praça e em rosa, o Centro de diagnóstico.

Figura 3: Imagem aérea do percurso feito



Fonte: Google Maps adaptado pela Autora, 2022.

Os prédios, hoje utilizados para fins diversos na região, não apresentam elementos que remetem a seu percurso histórico. Lugares de doença que buscaram transformar-se, igualmente, em lugares de vida, de uma comunidade, excluída, que compartilhou a dor da segregação e a necessidade de recriar uma identidade. Identidade que hoje, perde-se, ou em mecanismos de apagamento da materialidade da colônia, reconfigurando usos, ou por meio do abandono, como ocorre no Centro Social.

Vislumbra-se então, debater, na sessão, os espaços remanescentes nos sítios como lugares de memória passíveis à preservação e iniciativas de resgate:

A capacidade de transmissão de experiências da dor deriva da necessidade de conferir visibilidade e ressonância às lembranças, utilizando-se para tanto diferentes mecanismos, dentre os quais a patrimonialização e a musealização (FERREIRA; SERRES, 2015, p.65).

Reimaginar o futuro desses sítios de memória problemática, repertórios e mecanismos de fortalecimento que transformem as antigas colônias, locais históricos, em locais de engajamento, sítios de memória e consciência, “espaços destinados, através da comunicação experiencial, a usar o lugar de memória como ferramenta pedagógica, promovendo a cultura dos direitos humanos e a reparação simbólica” (BRIONES, 2015, p.3).

4 CONHECENDO A ARQUITETURA DE MACAPÁ: UM CAMINHO ENTRE O OFÍCIO DOCENTE E A INTERPRETAÇÃO DA CIDADE

PROF^a M. SC. DINAH REIKO TUTYIA CURSO DE BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO (UNIFAP)

Neste tema visamos demonstrar os desdobramentos do exercício da autoetnografia como professora recém-chegada a um novo Estado para lecionar a disciplina de Técnicas Retrospectivas nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, em duas instituições de ensino superior. As memórias da experiência do ofício se iniciam em 2013 e se misturam com a experiência etnográfica na cidade, possibilitando entender o valor cultural da arquitetura a partir do olhar “estrangeiro”. O conjunto “desvelado”, que demonstrou ter significância cultural, vem sofrendo um processo acelerado de apagamento, em virtude de ações de renovação em pontos da área central de Macapá, onde encontram-se tais objetos.

A autoetnografia foi o fio condutor para as discussões de apagamento da memória histórica arquitetônica. Santos (2017, p.8) considera que este método parte da experiência pessoal do pesquisador para “descrever e criticar as crenças culturais, práticas e experiências [...] visa a uma profunda e cuidadosa autorreflexão [...]”, perpassando pelo reconhecimento e valorização das relações pesquisador-sujeitos da pesquisa.

Assim, a autoetnografia permitiu alargar o olhar para um conjunto arquitetônico que, na cidade natal da professora, passaria despercebido, uma vez que Belém apresenta um acervo significativo de arquiteturas pretéritas. A cidade conta com órgãos de preservação, que atuam para salvaguardar tais bens, contribuindo com modelos imaginários e hierárquicos de valoração daquilo que deve ser preservado, ao contrário de Macapá.

Em 2013, dotada desse arcabouço “cultural”, a pesquisadora não nativa se viu perdida em meio a uma paisagem que mostrava apenas três bens patrimonializados: Fortaleza de São José de Macapá; Igreja de São José; Museu Joaquim Caetano. Os dois primeiros pertencentes a arquitetura colonial e o último com elementos neoclássicos. Surgiu então a questão de como trabalhar Técnicas Retrospectivas apenas com esses objetos?

Foi o diálogo em sala de aula, através da fala dos alunos, que permitiu alargar o olhar para o processo de valoração arquitetônica, entendendo que o “patrimônio” não se compõe por práticas e imposições de modelos exógenos, e sim, uma construção que partia da valoração do nativo. É nesse contexto que destacamos a necessidade de preservação da arquitetura de Macapá – cronologicamente mais recente – a exemplo da “arquitetura territorial”, que não é alvo de políticas de salvaguarda, fator que contribui para sua destruição silenciosa, causando danos irreversíveis à memória histórica arquitetônica da cidade e de seus moradores.

5. REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. A gramática da memória coletiva. **Humboldt 86**, Bonn, Goethe-Institut Inter Naciones, 2003. p. 2-4.

BRIONES, Marcia Cristina Hernández. Sítios de Consciência, a memória e a comunicação. **10º Encontro Nacional de História da Mídia (ALCAR)**. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

CABRAL, José Cristhian da Silva; MIRANDA, Cybelle Salvador. Hospital da Caridade na Belém Imperial: caracterização e construção de um modelo virtual. **19&20**, Rio de Janeiro, v. XVII, n. 1-2, jan-dez 2022. <https://doi.org/10.52913/19e20.xvii12.07>.

COSTA, Renato Gama-Rosa; AMORA, Ana Albano. Lugares de memória da saúde no Centro do Rio de Janeiro. Simpósio Temático Arquitetura, Patrimônio e Museologia. In: **I ENANPARQ** Rio de Janeiro. 2010. Disponível em www.anparq.org.br/congressos/index.php/ENANPARQ/.../paper/.../429.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luíza Carvalho da. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Revista Iluminuras** – Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais. 2003. Porto Alegre: Vol. 4, N. 7, pp. 1-22.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzuchi; SERRES, Juliane Conceição Primon. A difícil memória: musealização do hospital Colônia Itapuã, RS, Brasil. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa: Vol 50, nº 6, 2015, pp. 61-87.

FIGUEIREDO, Cibelly A. Rodrigues. **Hospital D. Luiz I da Benemerita Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará como documento/monumento**. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará. Belém, 2015.

GODOY, Renata de; SILVA, Luiz de Jesus Dias da. O tangível também pode ser “invisível”: reflexões acerca de bens culturais na cidade de Belém (PA). In: SILVA, Luiz de Jesus Dias da; MIRANDA, Cybelle Salvador. **Cultura, sociedade e espacialidades na Amazônia**. Belém: NUMA/UFPA, 2020. pp. 105-120.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos** [online]. 2005, Vol. 11, N. 23 [Acesso em: 29 out. 2022], pp. 15-36. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000100002>

MIRANDA, Cybelle Salvador. Memória da Assistência à Saúde em Belém-PA: Arquitetura como documento. **I ENANPARQ** - Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 1, Rio de Janeiro, 2010. Anais eletrônicos...Disponível em: www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/15/15-11-2-SP.pdf.

NORA, Pierre. **Les Lieux de Mémoire**. Paris: Gallimard, 1997. v.1.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p 3-15.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SILVA, José Bittencourt. A ex-colônia de hansenianos de Marituba: Perspectiva histórica, sociológica e etnográfica. **Papers do Naea**. Belém: NAEA, N 234, maio 2009. pp 1-43.

SILVA, Marcelle da; PENA, Bárbara Patrícia. **Sustentabilidade urbana no Plano Diretor de Macapá**. Circuito Urbano 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JEZ-pQD3sxM>. Acesso em 8 de nov. 2022.

SANTOS, Silvia Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. São Paulo: **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, v.24.1, 2017, p.214-241.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
